

Índice

Cuidados intergeracionais para crianças e idosos	1
Europa, China e Rússia na nova Eurásia	2
“La palabra arrestada”	3

Cuidados intergeracionais para crianças e idosos

Crianças e idosos parecem ser – apenas parecem – duas retas paralelas que nunca se cruzam, visto que interação positiva poderia ter uma pessoa, com uma série de achaques a apoquentá-la, avistando o final da sua existência, e outra que começa a aquecer os motores para a vida que tem pela frente?

De certeza, alguma coisa podem dar entre si. É o que pensam nos mais de 100 centros mistos para crianças e idosos, dispersos por todos os EUA, onde são levados à prática os cuidados intergeracionais. A ideia, que surgiu no Japão há quatro décadas, está também muito difundida na Holanda e no Reino Unido – a organização britânica United for All Ages planeia criar [500 centros deste tipo](#) até 2023 – e pretende que ambas as partes retirem experiências frutuosas dessa interação.

Ashley E. McGuire, colaboradora do blogue do Institute for Family Studies, [pôde comprovar in situ](#), num centro de cuidados partilhados para crianças e adultos idosos em Washington, como funciona a relação. Durante uma visita, uma idosa “pegou na minha filha de seis anos, e levou-a consigo para o seu apartamento, e pacientemente começou a ensiná-la a tocar violoncelo. Outro passou um longo período sentado no chão com o meu filho de quatro anos, a explorar com ele um globo terrestre. Depois, outra levou a minha filha para que a ajudasse a arranjar o jardim, e esteve lá colhendo folhas alegremente durante uma hora e a aprender sobre a história do lugar onde se celebrou a vitória norte-americana na II Guerra Mundial. Essa inter-relação, embora ocasional

apenas, sem dúvida alguma enriqueceu a vida dos meus filhos”.

O critério positivo de McGuire bem pode ser o de muitos norte-americanos. Em junho de 2018, a organização Generations United [publicou o resultado de uma sondagem](#), feita em conjunto com a Eisner Foundation, revelando o inquérito que 92 % dos consultados afirmavam que as atividades conjuntas de crianças e idosos podem ajudar a reduzir o sentimento de solidão em todas as idades, enquanto que 89 % entendiam que juntar ambos os grupos num mesmo centro era fazer uma boa utilização dos recursos.

Um estudo da Universidade de Stanford abordou o tema da interação entre crianças e idosos nesses sítios e concluiu que o benefício é bidirecional: enquanto os adultos idosos contribuem para o bem-estar dos jovens ao ajudá-los a desenvolver competências necessárias para o seu desenvolvimento, cultivam a sua própria autoestima e o sentido de contar com um propósito na vida.

De acordo com a investigação, as crianças que participaram nestes programas revelam, como resultado, aptidões cognitivas e motoras mais marcadas do que as que se mantiveram à margem e, além disso, mostram mais sensibilidade para com outras pessoas. De facto, uma mãe contava aos especialistas que notava a sua filha “mais empática do que o normal para a sua idade”.

A Dra. Laura Carstensen, que liderou o estudo, menciona, entre competências que pode desenvolver a interação das crianças com os adultos idosos, o pensamento crítico, a resolução de problemas, a ligação social e aprender a fixar objetivos.

Carstensen salienta que existe um acrescento de benefícios para aquelas crianças que, além do apoio dos seus pais, contaram na sua educação com o de pessoas idosas que, por sua vez, quando afastam um pouco de si as suas doenças e se sentam com os pequenos para brincar ou para lhes ensinar, com infinita paciência, esta ou aquela competência, veem diminuir a sua sensação de solidão e experimentam menores níveis de ansiedade e ganham melhorias na sua saúde.

A percepção de que os idosos são consumidores líquidos de recursos é unicamente isso: uma percepção. A realidade é que eles próprios constituem um “recurso” de que a sociedade pode tirar partido.

A Dra. Carstensen refere: “Está comprovado que, com a idade, aumenta a sabedoria, a experiência de vida e a estabilidade emocional, e tudo isso se pode transmitir aos outros de modo significativo”.

Segundo sublinha a sua investigação, o processo de envelhecimento do indivíduo traz consigo um desenvolvimento da capacidade para reconhecer as limitações e, consequentemente, aprender a adaptar-se a elas para seguir em frente. Se essa adaptação ajuda, efetivamente, a vencer as várias dificuldades, a pessoa aumenta o seu sentido da resiliência e a sua sensação de bem-estar. E um menor de idade que receba estas experiências em primeira mão terá, razoavelmente, um acrescento de destrezas em relação a outros da sua idade.

Os idosos podem igualmente ajudar os menores a focarem-se no que é verdadeiramente importante. A própria convicção dos idosos de que o tempo é finito, leva-os a dedicarem os seus esforços ao que realmente pode compensá-los positivamente no plano emocional, e a pesar com maior serenidade os prós e os contras para tomarem decisões acertadas. Sem distrações.

Juntar, portanto, num mesmo sítio, crianças e idosos não parece má ideia. “Cada criança necessita de pelo menos um adulto que goste verdadeiramente dela”, assegurava o psicólogo russo-americano Urie Bronfenbrenner, e muitos com cabelos grisalhos podem estar a desejar agora mesmo encarnar esse papel.

Europa, China e Rússia na nova Eurásia

O século XXI está a dar lugar a novos, ou não tão novos, conceitos geopolíticos. Um deles é o de “mundo pós-ocidental”, que evoca o aparecimento de potências emergentes, capazes de competir com os Estados Unidos e a Europa, mesmo que os dados macroeconómicos por vezes

questionem estas teorias. Todavia, existe outro conceito que, pela mão da China, se encontra na primeira linha da atualidade: Eurásia.

A ideia de Eurásia relaciona-se com o fim de uma visão eurocêntrica do mundo e põe em questão a tradicional separação entre Europa e Ásia nos Urais, embora este limite, traçado nos mapas e nas mentalidades dos europeus, remonte somente às primeiras décadas do século XVIII.

Um livro que nos ajuda a avaliar a importância que terá a macrorregião da Eurásia no século XXI é [“The Dawn of Eurasia”](#) (Penguin Books, 2018), escrito pelo intelectual e político português Bruno Mações. A sua tese resume-se em que o mundo que vem aí não será nem ocidental nem asiático: será euro-asiático, embora os EUA irão tentar influir a partir de fora na sua configuração.

A Eurásia de Mações passa pela superação da dicotomia Europa-Ásia, que só seria válida quando a Europa, a partir da era das descobertas no século XV, alcançou grandes avanços na ciência e na tecnologia que superaram os da Ásia. Pelo contrário, a ascensão dos EUA como superpotência mundial e a Guerra Fria contribuíram para uma maior separação entre a Europa e a Ásia. Paralelamente, impôs-se um novo conceito de Ocidente, representado pelo vínculo transatlântico entre os EUA e a Europa; mas atualmente, e não só devido à viragem efetuada pela presidência de Trump, este vínculo está a ser questionado na prática.

Mações sugere que, se os norte-americanos se apegarem a ficar ancorados no mundo ocidental, só poderão aspirar a ser líderes em metade da Eurásia, e não o serão à escala global. E, de passagem, o autor admite que talvez isto muito menos convenha à Europa, pois o ocidentalismo equivale a continuar com a separação radical entre a Europa e a Ásia, algo pouco realista num cenário global. Portanto, o futuro da Europa passaria, segundo o autor, pela cooperação com a China e a Rússia.

O livro de Mações parece destinado a desmentir essa famosa citação de Rudyard Kipling de que o Ocidente é o Ocidente e o Oriente é o Oriente, e que nunca se vão encontrar. O desmentido surge com a constatação de que a modernidade não é algo puramente ocidental. Existem diversas modernidades no mundo de hoje. A China encarna uma delas e não deseja assumir os valores ocidentais, que para ela não são universais, embora tenha abraçado o capitalismo. De facto, a China, juntamente com a Rússia, pretende expor outra universalidade oposta à da Europa, onde o desenvolvimento seja possível para todos os países sem passar pelas “hipotecas” da democracia e dos direitos humanos. Para russos e chineses, trata-se de meros valores ocidentais, alheios à cultura de outros povos.

Por seu turno, a Rússia, embora tenha abandonado o comunismo, parece identificar-se, nos seus interesses geopolíticos, como um país asiático, tal como assegurava Lenine. Recordemos a União Económica Euro-asiática, em vigor

desde 2015 e impulsionada por Vladimir Putin, e que teve muito a ver com a crise da Ucrânia iniciada no ano anterior. Moscovo não estava disposta a que os ucranianos escapassem da sua zona de influência para se aproximarem da UE e da NATO. Neste aspeto, os chamados “conflitos congelados”, com implicações secessionistas, na Moldávia, na Ucrânia, na Geórgia ou no Azerbaijão, podem ser interpretados como exemplos da determinação russa de que estas repúblicas ex-soviéticas não se integrem no mundo ocidental e tenham que se virar para o espaço euro-asiático.

De alguma forma, a UE deixou de exportar estabilidade para as suas periferias nos últimos anos. A promessa da ampliação, ou pelo menos da associação com a Europa, foi-se desvanecendo. Segundo Mações, os “conflitos congelados” são uma amostra da ordem russa, uma ordem criada a partir do caos e não inspirada nas regras e valores do Ocidente. Moscovo é o administrador do caos. Consequentemente, a Rússia de Putin representaria a estabilidade na região, enquanto a democracia ocidental significaria um autêntico caos.

Na perceção de Bruno Mações, estamos a assistir ao nascimento do continente eurasiático, de tal modo que, num prazo de vinte anos, não se poderá falar de Europa e Ásia como entidades separadas, pois serão um mesmo espaço político e económico. Escusado será dizer que a expansão económica da China, com o seu ambicioso projeto de infraestruturas conhecido como *Belt and Road* ou a Nova Rota da Seda, contribuiria para essa transformação. Tal é o “sonho chinês”, a que se refere Xi Jinping, que lhe permitiria converter-se na primeira potência mundial em 2049, centenário da revolução maoísta; é o sonho de que a China seja aceite, apreciada e admirada por todos os países do mundo. No momento em que a China se converter na primeira economia mundial, crescerá a sua influência política no mundo e continuará a confrontar-se com os valores ocidentais da democracia e dos direitos humanos.

Mas os chineses tentam não despertar receios e recusam falar de geopolítica ao referirem-se à *Belt and Road*. Apresentam o projeto como um processo de integração económica, no qual participam mais de 65 países, através de infraestruturas marítimas e terrestres, e que só traria vantagens económicas para os países participantes.

Para Mações, os europeus deveriam estar conscientes de que não podem impor os seus valores neste espaço geopolítico, porque a China e a Rússia têm os seus. De outro modo, estariam a ressuscitar o espírito da guerra fria, que não deveria ter cabimento num cenário globalizado. A Europa, na visão de Mações, já não é “o profeta de uma civilização mundial”, mas deve integrar “um poder euro-asiático”. Tem de participar ativamente na construção da Eurásia para ter capacidade de influência. Se não o fizer, outras forças irão configurar o novo supercontinente.

O eurasionismo, seja em sentido geopolítico ou económico, significa questionar o que se entendeu por Ocidente nos

últimos séculos, incluindo, além disso, o vínculo transatlântico entre a Europa e os EUA, pois não é segredo a pretensão chinesa de expulsar progressivamente os norte-americanos da região da Ásia-Pacífico.

Mas o entusiasmo pela Eurásia e pelos seus supostos benefícios económicos e comerciais não dissipará na Europa os receios para com a China. Os chineses sabem-no, e tal como os russos, preferem cultivar as relações bilaterais, com sedutoras ofertas de investimentos, para deste modo enfraquecer a UE.

A. R. R.

“La palabra arrestada”

Autor: Vitali Shentalinski
Galaxia Gutenberg. Barcelona (2018).
556 págs.

Em 1988, em plena *perestroika*, o poeta e escritor russo Vitali Shentalinski (1939-2018), conseguiu envolver a União de Escritores para solicitar às autoridades soviéticas que lhes permitissem investigar o paradeiro de milhares de escritores que foram perseguidos, sofreram represálias ou foram assassinados durante as décadas de ditadura comunista. Acabou por o conseguir, tendo sido a primeira pessoa a quem foi permitido entrar nos arquivos do KGB e resgatar valiosos documentos relacionados com aqueles literatos.

Fruto deste trabalho, escreveu três livros onde reconstruiu os processos que arruinaram a carreira e a vida de tantos escritores: “Escravos da liberdade” (1995), “Denúncia contra Sócrates” (2001) e “Crime sem castigo” (2007). Nesta nova obra, reordena e amplia a documentação já publicada.

O livro abre com um prólogo no qual o autor relata as peripécias pelas quais teve de passar para aceder a estes relatórios, os constantes confrontos com as autoridades do KGB, os olhares críticos de muitos escritores consagrados que receavam também que o seu nome viesse à luz do dia a propósito das delações e condenações dos seus colegas... E conclui com um epílogo intitulado “A delação como género do realismo socialista”, onde se resumem muitas outras questões e assuntos que se abordam nesses volumes. O corpo do livro é o estudo, ordenado, dos processos e das histórias de sete famosos escritores russos que sofreram perseguições por parte dos serviços secretos do Partido Comunista: Isaac Babel, Osip Mandelstam, Mikhail Bulgakov, Marina Tsvetaeva,

Andrei Platonov, Anna Akhmatova, Máximo Gorki e Boris Pasternak.

Desde a chegada ao poder do Partido Comunista, os escritores que não aderiram às ideias da Revolução e não se submeteram ao “realismo socialista” começaram a estar sob suspeita. As autoridades impuseram uma forma única de fazer literatura em que “a vida fosse refletida não tal como era, mas como devia ser, e ninguém podia viver a sua própria vida, mas a prescrita pela ideologia dominante”. Rapidamente começaram as purgas e as delações (muitas delas, como demonstra Shentalinski, a cargo de destacados membros da União dos Escritores Soviéticos).

Nas últimas páginas, o próprio Shentalinski resume a magnitude da repressão contra os escritores soviéticos: “Durante os anos do poder soviético foram objeto de repressão mais de três mil escritores e outros dois mil foram fuzilados ou morreram nas prisões e nos campos de trabalhos forçados, sem esperança de liberdade. Não apenas russos (...). Não houve povo nem língua no território do império soviético que se libertasse desta tragédia”.

A. T.

